

SAPERE AUDE

v. 11, n. 22, Jul./Dez. 2020 – ISSN: 2177-6342

EDITORIAL

DOSSIÊ: *FILOSOFIA MEDIEVAL: CONHECIMENTO E VONTADE*

Sílvia Maria de Contaldo*

“No ano do senhor 1349 houve em quase toda a superfície do globo uma tal mortalidade como raramente se terá conhecido outra [...]. A este mal acrescentou-se outro: correu o ruído de que certos criminosos, particularmente judeus, deitavam nos rios e nas fontes venenos que faziam engrossar a peste. Por isso, tanto cristãos como judeus inocentes e pessoas irrepreensíveis foram queimadas e assassinadas e outras vezes maltratadas em suas pessoas, mesmo que tudo isso procedesse da constelação ou da vingança divina”. Assim o Papa Clemente VI registrou — em *Vitae Papanum Avenionensium Clementis VI. Primavita* — os trágicos acontecimentos que marcaram o “terrível século XIV”, na expressão da escritora e historiadora Barbara W. Tuchman (1912-1989).

No ano anterior, Petrarca (1304-1377) escrevera ao seu irmão Gerardo, sobrevivente de um mosteiro em Monrioux: “Meu irmão! Meu irmão! Meu irmão! [...] que poderia eu dizer? Há sombras em todos os lados e em todos os lugares paira o medo.[...] Oh feliz povo do futuro, que não conhecerá tais misérias e que tomará nosso testemunho como se fosse uma fábula”.

Neste dezembro de 2020, a *Sapere Aude* dedica seu dossiê à Idade Média, nos longos e intensos séculos de construção de saberes, de arquiteturas conceituais e de medos diante do muito que ainda se desconhecia. No interior das Universidades, a “casa da razão”, como definiu o professor Luis Alberto De Boni: “obra dos grupos urbanos que se constituíam, principalmente, das corporações de mestres e alunos — a *universitas magistrorum et*

* Doutora em filosofia. Professora do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: silviacontaldo@hotmail.com.

scholarium, como a chamou o grande Inocência III, mais do que qualquer outra instituição, [surgia um novo mundo que valorizava o] saber pelo que ele significava por si mesmo” (DE BONI, Apresentação à obra *A universidade medieval*, de Rei Ulmann).

De fato, a Idade Média não pode ser associada apenas à chamada *peste negra* e demais obscuridades — ao contrário, a Idade Média, como qualquer outro tempo da História feita pelas criaturas humanas, combina luz e sombra e, nem sempre, com o devido equilíbrio entre os matizes. Carregam-se as tintas, o que resulta em males de todas as cores.

Assim, para aprofundar a compreensão desses saberes e pesquisas que nasceram no interior das Universidades, nesse apreço pelo *universo escolar*, este número da *Sapere Aude* conta com a colaboração do historiador Pablo Gatt. Seu artigo *A filosofia em prol da religião: o movimento escolástico na Idade Média Central (XI-XII)* investiga justamente o que se denomina Escolástica, esse movimento filosófico-escolar que deixou como legado um método de estudo que favorecia, sobretudo, a técnica da argumentação e o rigor conceitual, condição imprescindível para confrontar, até onde era possível, os âmbitos da Filosofia e da Teologia.

Como sabido, a Idade Média foi terreno fértil para a constituição de Universidades direcionadas a outros campos de saber. Se Paris, coração da Cristandade, era o centro do ensino teológico e filosófico, Bolonha tornara-se o centro das ciências jurídicas. *Bononia docente* era o mote inscrito nas moedas, de ampla circulação. Para tratar das questões filosófico-jurídicas, no âmbito do mundo medieval, colaboram, neste Dossiê, os professores Mário da Silva Ribeiro e Victor Sales Pinheiro com o artigo *Bens básicos, moralidade e dignidade da pessoa humana*. Essas duas vozes do campo do Direito fazem coro a Tomás, ao expor a doutrina jusnaturalista e às perguntas inerentes ao tema: o que são bens básicos, quais são os princípios práticos básicos, qual o fundamento da moralidade, entre outras questões — medievais — que os autores trazem à tona para melhor compreensão do conceito de dignidade humana no mundo contemporâneo.

Como não poderia deixar de ser, a referência a alguns dos temas estudados pelo mestre Tomás também fazem parte deste Dossiê. Tomás de Aquino, todos sabemos, foi professor, leitor, mestre, dono de uma ‘de um coração doce e de uma inteligência de aço’, como bem o descreveu o medievalista Pe. Orlando Vilela, em sua obra *Tomás de Aquino. Opera Omnia*. No amplo repertório de pesquisas que Tomás de Aquino legou ao mundo ocidental, o Dossiê apresenta três artigos que bem retratam sua inteligência refinada. O primeiro é intitulado *A Species é um intermediário cognitivo em Tomás de Aquino?*, do professor de Filosofia Antônio Janunzi Neto, tem por objetivo demonstrar o processo do conhecimento que é realizado pelo

intelecto humano, partindo de algumas proposições de Tomás de Aquino. O segundo *artigo*, *A lógica na ordo disciplinae de Tomás de Aquino*, do mestrando em Filosofia Lucas Lagasse Correa, tem foco em duas obras muito importantes de Tomás de Aquino — *Comentário ao De Trinitate* e *Comentário aos Analíticos posteriores de Aristóteles*, quando se trata de conceituar a Lógica, seu objeto, suas propriedades e sua relação com as demais ciências, no sentido de apreendê-las com mais propriedade. E, por fim, os professores Marcos Roberto Nunes Costa e Edson Gonçalves Silva, fazem, em seu artigo *Da possibilidade da formação do conhecimento novo*, uma leitura muito perspicaz — a partir de Tomás — do estado *post-mortem* do ser humano no que se refere à formação de novos conhecimentos.

Devemos a Umberto Eco uma certa divulgação ou mesmo popularização da Idade Média. Por ocasião da publicação do seu romance *O nome da Rosa*, em 1980, os estudos sobre a Idade Média ganharam fôlego. Entre as muitas vertentes — algumas viraram até moda — Eco tratou de demonstrar, com a maestria que lhe era própria, um dos problemas filosóficos cruciais e que foi tratado exemplarmente pelos medievais. Trata-se do chamado *Problema dos Universais*. Aliás, o título da obra é uma clara referência a um dos exemplos utilizados pelo Mestre Pedro Abelardo em suas disputadas lições na Escola de Notre Dame, no século XII, ao defender sua posição de cunho realista-aristotélico. Para tratar do Nominalismo e suas possíveis relações com os modernos, o professor Marcelo F. R. de Oliveira apresenta o artigo *The nominalism in the Montaigne's Essays*, numa interessante leitura de intertextualidade entre um e outro tempo. Vale ressaltar a importância das bifurcações — entre razão e fé — com as quais nos deparamos nos diversos caminhos do mundo medieval e que, muitas vezes, nos conduziram às vozes do mundo moderno.

Dezembro de 2020. O *New York Times*, um dos principais jornais do mundo contemporâneo e de maior circulação, trazia esta triste notícia em sua edição do dia 17 desse mês: “O número nacional de mortos passou de **300.000** nesta semana, e há poucos sinais de que o ritmo diminuirá em breve. Califórnia, Illinois, Pensilvânia e Texas anunciaram mais de **1.000** mortes na semana passada”. Por aí vê-se que a humanidade ainda não se livrou de todos os medos que, de alguma forma, assombraram a Idade Média. Em momentos de crises dessa natureza, continua sendo válida a aproximação entre a Filosofia e a Arte. Muitas vezes, e não apenas nos momentos de tensões e rupturas, o ser humano encontra nas expressões artísticas — em suas várias dimensões — explicações para determinadas situações que o discurso (o *logos*) não alcança. É nesse sentido que o texto *La peste y la arte – algunas reflexiones*, da renomada

especialista em Filosofia Medieval, professora Celina Lértora, apresenta importantes considerações sobre a percepção e as representações da peste no mundo medieval.

Os medievais foram iniciadores de diversas e riquíssimas discussões. Ousaram saber, ainda que em seu horizonte de compreensão não tenham podido contar com tecnologias e meios digitais para divulgação de suas pesquisas. Mas, como escreveu Horácio em sua *Epistuale I*: “*dimidium facti qui coepit habet: sapere aude*” (quem começou já fez a metade: ousa saber). Os medievais começaram!